

EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DE UM GRUPO DE PESQUISA EM UMA ESCOLA DO SUS

Norma Carapiá Fagundes^a

Resumo

Propõe-se uma reflexão crítica sobre o processo de construção de um grupo de estudos e pesquisas na Escola Estadual de Saúde Pública (EESP), órgão vinculado à Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB). O estudo tem como objetivos estabelecer elos de ligação entre pesquisa e educação permanente e discutir a especificidade da pesquisa em uma escola do SUS. A relação entre universidade e serviços de saúde constituiu-se em um outro ponto tencionado neste ensaio. Toma como referência documentos que historicam o processo de construção da EESP e também anotações e memórias da observação/participação realizada ao longo desse processo e na organização do grupo de pesquisa. Finaliza considerando que a pesquisa-ação e a pesquisa-formação, metodologias que inspiraram a definição da missão/compromisso e do projeto político pedagógico da escola, têm grande potencial de produzir mudanças significativas na prática. Devido a isto, recomenda-se que a escola defina estratégias para a formação de seus técnicos em metodologias de pesquisa interessadas na intervenção, a fim de poder contribuir no desenvolvimento de estudos e pesquisas articulados ao processo de trabalho em saúde no âmbito do SUS/Ba.

Palavras-chave: Pesquisa operacional. Escolas de saúde pública. Integração docente assistencial.

THE EXPERIENCE OF BUILDING A RESEARCH GROUP AT A SUS SCHOOL

Abstract

This study proposes a critical reflection about the construction process of a study and research group at the Public Health State School (EESP), entity associated to the Health Department of the State of Bahia (SESAB). The objectives of the study are to establish links between research and permanent education, and to discuss the specificity of research in a SUS school. The relationship between university and health services is also considered in this study. Its

^a Professora da Escola de Enfermagem da UFBA. Doutora em Educação. Mestre em Saúde Comunitária.

Endereço para correspondência: Rua Dr Pedro de Souza Pondé, n 09, apto 1001, Ed. Garcia Lorca, Jardim Apipema, Salvador, Ba. CEP: 40 155-270. E-mail: normafagundes@terra.com.br

references are based on documents regarding the history of the construction process of the EESP, and also on annotations and memoirs of our observation/participation along this process and in the organization of the research group. The conclusion considers research-action and research-formation, methodologies that inspire the definition of the mission/commitment and the political pedagogical project of the school, as having great potential to produce significant change in practice. As a result, it is recommended that the school define strategies for the formation of its technicians in research methodologies interested in the intervention, in regards to being able to contribute to the development of studies and research linked to the process of health work in SUS – BA.

Key words: Operational research. Public health schools. Integration between teaching and assistance.

INTRODUÇÃO

O envolvimento com a Escola Estadual de Saúde Pública (EESP), órgão vinculado à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab), começou em 2004, quando de uma consultoria demandada por questões relativas à definição da missão/compromisso e do Projeto Político Pedagógico (PPP). O vínculo permanece até os dias atuais (final de 2006), com atuação em um grupo de estudos direcionado à execução de um projeto de pesquisa.

A constituição de um grupo de estudos e pesquisas na EESP, no contexto da construção de um projeto de Escola do SUS, na perspectiva da educação permanente, teve, num momento inicial, dois objetivos principais: o primeiro deles, relacionado ao desenvolvimento ou consolidação de competências investigativas e interpretativas do conjunto de profissionais que compõem o quadro permanente da escola; e o segundo, referido ao desenvolvimento de projetos específicos, cujos resultados possam subsidiar o planejamento, a execução, o monitoramento e a avaliação das ações educativas necessárias à qualificação do trabalho dos profissionais que atuam no SUS. Para tanto, a EESP buscou, entre outras estratégias, consolidar sua parceria com a Universidade Federal da Bahia, particularmente com o grupo Gerir^b, no qual atua-se como pesquisadora.

Para o Gerir, o interesse em estabelecer esta parceria deveu-se, inicialmente, a seu compromisso com o SUS, que tem se efetivado, entre outras coisas, por meio de consultorias, participação em eventos, cursos e na construção de projetos de pesquisas junto a EESP. O Gerir tem como um de seus focos de investigação pesquisas de caráter operacional, relativas ao campo do trabalho em saúde e também à educação permanente de trabalhadores do setor. Esse tipo de

^b Denominação do Núcleo de pesquisa em políticas, gestão, trabalho e recursos humanos em enfermagem e saúde coletiva. Escola de Enfermagem/UFBA.

pesquisa requer maior integração com os serviços de saúde, cuja ponte também se dá, não exclusivamente, mas fortemente, com as chamadas escolas do SUS.

A complexidade do trabalho em saúde, a diversidade das ações, as mudanças tecnológicas, a necessidade de tornar o cuidado mais humanizado, resolutivo e qualificado, tem obrigado as instituições de saúde a assumirem cada vez mais responsabilidades em relação à educação permanente de seus trabalhadores. O estabelecimento de políticas e diretrizes nesse sentido tem permeado a discussão do SUS em todos os seus âmbitos. Entende-se que a implementação desse tipo de política passa, necessariamente, por uma integração mais profunda entre o SUS e o sistema formal de ensino. Processo esse que requer uma redefinição ou ampliação dos papéis tradicionalmente desempenhados por esses dois setores individualmente.

Uma dessas possíveis (re)definições refere-se à necessidade da descentralização da pesquisa. Acredita-se que ter pessoas competentes nos locais de serviço, para levantar problemas que possam ser respondidos pela pesquisa científica, para refletir e questionar o trabalho é fundamental ao desenvolvimento de programas de educação permanente mais articulados às necessidades dos trabalhadores e demandas do SUS.

Este ensaio pretende realizar uma reflexão crítica sobre o processo de construção de um grupo estudos e pesquisa na EESP e tem como objetivos estabelecer elos de ligação entre pesquisa e educação permanente e discutir a especificidade da pesquisa em uma escola do SUS.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração do ensaio, lançou-se mão de documentos que historicam o processo de construção da EESP,^{1,2,3} bem como de anotações e memórias da observação/participação ao longo do processo. O exercício de confrontar documentos com as anotações pessoais permitiu a melhor apreensão da dinâmica da organização dos grupos (o que move as pessoas, quais os interesses de cada um) — o que é compartilhado por diferentes categorias — técnicos, dirigentes, consultores, destacando os significados que esses sujeitos atribuem ao que deveria ser a EESP, seu papel no âmbito da Sesab, a integração/parceria com a universidade e com os serviços de saúde. Foi nesse complexo jogo de interações que se buscou refletir e compreender as especificidades da pesquisa nesse espaço singular.

RESULTADOS

a) Relacionando pesquisa e educação permanente

Um dos desafios que tem servido de base para discussão e desenvolvimento de pesquisas na EESP, e que traz como pano de fundo a questão da necessidade de estreitamento da relação entre educação permanente e pesquisa, é o reconhecimento da existência de lacunas no

conhecimento, sobretudo no âmbito da formulação e implementação de processos educativos na perspectiva da educação permanente e da formação dos profissionais de saúde articulada ao processo de trabalho. A necessidade de buscar formas de superar essas lacunas é uma das justificativas da criação de um grupo de estudos e pesquisa no âmbito da escola.

A perspectiva da educação permanente é a da realização do encontro entre o mundo da formação e o mundo do trabalho, em que o aprender e o ensinar incorporam-se ao cotidiano das organizações e ao trabalho.⁴ Entende-se que, para que isso ocorra, existe a necessidade de (re)conceitualizar os espaços da formação e do trabalho como susceptíveis de serem transformados na e pela interação entre eles. Acredita-se que ao trilhar esse caminho, muitas estratégias de superação da dicotomia entre esses dois mundos, acentuada no período fordista e que começa a ser relativizada ou posta em questão no mundo atual, poderão ser construídas. Sabe-se, entretanto, que tal superação não é uma tarefa de fácil execução, como nos alerta Guy Jobert, citado por Correia⁵, quando diz que a história das relações entre formação e trabalho é crônica de uma relação infeliz, pois essas relações são pautadas pela existência de um desconhecimento instituído por parte de cada um dos mundos das lógicas que estruturam o outro.

A estratégia da educação permanente requer a associação entre produção de conhecimento e atuação para a resolução de problemas da prática. Neste caso, as metodologias mais apropriadas são aquelas que estimulam a autonomia, a iniciativa, a participação e gestão dos implicados no processo de pesquisa, e que, portanto, valorizam aspectos qualitativos, grupais, técnicos, informacionais e comunicacionais relativos ao contexto. O próprio ato de estabelecer uma relação mais horizontalizada e descentralizada na negociação, pactuação de objetivos e gestão do processo investigativo já se constitui em parte da formação dos atores sociais envolvidos para o enfrentamento de problemas e desafios complexos da própria pesquisa e de situações do trabalho.⁶ Entende-se que essa estratégia é a pesquisa-ação.

O potencial da pesquisa-ação em processos de construção coletiva pôde ser observado durante a construção da missão/compromisso e do Projeto Político Pedagógico¹, no qual foram utilizados alguns fundamentos dessa estratégia metodológica, mais especificamente, da pesquisa ação institucional⁷ na organização das oficinas e dos trabalhos em grupos. A pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais, com o fim de melhorá-las. A pesquisa-ação institucional é um tipo particular de pesquisa, cujo objeto refere-se ao campo institucional no qual gravita o grupo em questão. Trata-se de desconstruir, por meio de um método analítico, a rede de significações que se forma na instituição, na qualidade de célula simbólica.

Como os demais tipos de pesquisa-ação, a institucional descreve, em termos epistemológicos, as etapas do conhecimento, que tem início com a prática, passa para a compreensão e depois para a explicação, retornando à prática.

Atualmente, percebe-se que o movimento de renovação da pesquisa-ação tem inspirado outros movimentos de mudança na concepção de pesquisa em educação, entre eles o da pesquisa-formação, considerada como um modelo alternativo de pesquisa, que implica trabalhar com os atores da mudança, em vez de trabalhar sobre eles. Esse tipo de pesquisa nasceu das preocupações do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Paris 8, em relação às experiências de educação permanente. Seus resultados envolvem estratégias de ação formativa.⁸ Esta forma de pensar a pesquisa também estava no horizonte da organização das oficinas e trabalhos em grupos no EESP, ainda que de forma implícita.

A formulação da problemática de uma pesquisa-formação envolve sempre uma necessidade social que preocupa um grupo num dado contexto. Os dados podem ser coletados mediante a utilização de métodos ativos, como as discussões em grupo, entrevistas em profundidade e outros recursos metodológicos da pesquisa qualitativa, dando uma feição nova aos métodos, na medida em que os transforma em instrumentos coletivos de pesquisa. A coletivização das tecnologias de pesquisa é uma marca deste modelo de pesquisa interessada.⁸

A pesquisa-formação pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa, em que a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação. Este é um movimento que tem contribuído para inscrever a problemática do sujeito no centro das preocupações no contexto da formação.⁹

b) Especificidade da pesquisa da EESP

Entende-se que a pesquisa na EESP deverá ter algum grau de especificidade e não apenas replicar ou clonar aquilo que poderá ser produzido em outros ambientes com mais pertinência. Seu compromisso com a formação do trabalhador de saúde, tendo em vista as necessidades de SUS, deverá ser seu principal norte. A inovação na pesquisa poderá ser conseguida por meio de metodologias que levem o trabalhador-pesquisador a questionar seu próprio cotidiano de trabalho, tendo como referência os princípios, as diretrizes e as necessidades do SUS. Entretanto a especificidade aqui sugerida não deve ser impeditiva de que a EESP proponha outras linhas de pesquisas; tudo vai depender dos problemas identificados e das prioridades estabelecidas em coerência com a política de formação e educação permanente assumida pelo SUS/Ba.

DISCUSSÃO

Um dos pontos que precisa-se destacar na finalização deste ensaio é o potencial de produzir mudanças significativas na prática, que têm estratégias como a pesquisa-ação e a pesquisa-formação. Tendo em vista que fundamentos dessas estratégias de pesquisa foram utilizados na concepção das oficinas e dos grupos para a construção da missão/compromisso e do PPP de EESP, sugere-se que tal experiência e resultados sejam mais bem sistematizados à luz desses referenciais. Este esforço poderá permitir que a experiência seja transformada, ampliada de forma a poder ser utilizada em outros espaços, como os núcleos de pesquisa que possam vir a ser criados nos hospitais e em outras instâncias do SUS/Ba. Entretanto, para isso, alguns desafios terão que ser vencidos; um deles é tornar a pesquisa-ação e a pesquisa-formação atraentes ao pessoal que trabalha nos serviços de saúde. Acredita-se que, para isso, a EESP precisa definir estratégias que visem a formação de seus próprios quadros e de identificação de atores ou grupos nos serviços com interesse comum e apoiar a construção de núcleos de estudos e pesquisa nesses espaços.

O desenvolvimento desse modelo de construção de núcleos, visando o fortalecimento da pesquisa operacional vinculada à educação permanente, requer flexibilização, responsabilizações e leveza organizacional, mas isso, ao que parece, confronta e muito com uma instituição como a Sesab, cujo modelo predominante em sua estrutura de gestão ainda é o burocrático-centralizador e autoritário. Nesse sentido, questiona-se: a EESP teria poder político para transformar isto?

Compreende-se que a EESP só poderá, efetivamente, ser um órgão de elaboração de políticas e diretrizes de educação permanente se definir melhor seu papel no contexto da Sesab. Até o momento, seu campo de ação tem se limitado, na maioria das vezes, a atender às demandas fragmentadas do nível central, sem muita liberdade para propor alterações nesse processo. Isto, certamente, cria dificuldades para que a EESP defina de forma mais consistente seus focos principais de atuação. Sem essa definição, pode terminar por atuar de forma desordenada em várias direções, sem dar conta, muitas vezes, das ações específicas que justificam sua existência. Além disso, considera-se que a pouca autonomia para definir seu próprio quadro de pessoal também tem contribuído para dificultar este processo.

Os desafios para a implementação de processos de pesquisa na EESP e nos serviços de saúde, entretanto, não se limitam a essas questões. A construção de parcerias entre os órgãos do SUS e as universidades com esse objetivo sofrem outros tipos de restrições. Na prática como professora, tem-se desenvolvido experiências que tentam aproximar serviço e academia, entretanto essa mesma prática tem nos levado a questionar se, efetivamente, a universidade tem interesse de ser parceira do mundo do trabalho, de contribuir para a consolidação do SUS. A inadequação da formação dos profissionais em relação às necessidades de saúde da população brasileira tão reiterada

nas últimas décadas tem gerado muitas discussões na academia, mas ainda com poucos resultados práticos em relação ao que se pode chamar de formação de pessoal para o SUS. Enquanto isso, os serviços de saúde têm cada vez mais necessidade de educação permanente de seus quadros, de desenvolver pesquisas cujos resultados possam compor estratégias de transformação da prática. Nesse sentido, entende-se que a universidade, por ser a instituição que, pelo menos por definição, mais lida com o conhecimento sistematizado, atualizado, não pode se furtar a esse compromisso.

A crise no pós-guerra e nos anos sessenta fez com que a universidade se visse confrontada com a reivindicação de seu envolvimento na resolução de problemas econômicos e sociais prementes. Esse apelo à prática, teve, entre outras vertentes, uma de caráter sócio-político, que se traduziu na crítica do isolamento da universidade, da torre de marfim insensível aos problemas do mundo contemporâneo, a despeito de sobre eles ter acumulado conhecimentos sofisticados e, certamente, utilizáveis em sua resolução.¹⁰

Na percepção Young,¹¹ o fato de outros setores da sociedade, entre eles os serviços de saúde, assumirem cada vez mais um papel educacional e serem instigados à produção do conhecimento, não significa, necessariamente, uma diminuição do papel das universidades como organismos especializados na pesquisa e oferecimento de cursos avançados. Implica, isto sim, em mudanças nas relações entre as instituições ditas educacionais e as não educacionais, para identificar objetivos comuns e explorar novas formas de cooperação.

Para tanto, de um lado, a universidade precisa rever profundamente seu papel na relação com o serviço e questionar-se sempre: qual a contribuição dos cursos de especialização, atualização, mestrados profissionais para alimentar o trabalho das pessoas e imprimir mudanças significativas na eficácia dos serviços? Por outro lado, os serviços de saúde, por sua vez, precisam aprender a definir melhor as necessidades relacionadas à educação permanente de seus técnicos de modo a qualificar sua demanda e relação com a universidade. Assim, é possível, assumindo a tensão existente entre o mundo do trabalho e o mundo da academia, buscar formas de superar o que em realidade parece ser uma falsa dicotomia, pois como percebe Fróes Burnham¹², está, cada vez mais, existindo uma interpenetração entre as organizações *especialistas em aprendizagem* e as *não especialistas em aprendizagem*. O argumento mais forte para essa aproximação talvez seja o de que *todo trabalho é aprendizagem*, portanto, conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste ensaio contou com as valiosas colaborações de duas grandes amigas e companheiras de trabalho, às quais muito agradeço, a Prof^ª Dr^ª Cristina Melo (Escola de Enfermagem) e a Dr^ª. Isabela Sales (Escola Estadual de Saúde Pública).

REFERÊNCIAS

1. Bahia. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Escola Estadual de Saúde Pública. Proposta pedagógica: uma construção coletiva, Salvador; 2004.
2. Bahia. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Escola Estadual de Saúde Pública. Relatório da 1ª Oficina de Programação Integrada das Ações de Educação Permanente da EESP, Salvador; 2004.
3. Bahia. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Escola Estadual de Saúde Pública. Relatório das 2ª e 3ª Oficinas de Programação Integrada das Ações de Educação Permanente da EESP, Salvador; 2005.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Política de Educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde. Brasília; 2004.
5. Correia JA. Formação e trabalho: contributos para uma transformação dos modos de os pensar da sua articulação. In: Canário R, organizador. Formação e situações de trabalho. Portugal: Porto Editora; 1997. p. 13-41.
6. Vasconcelos EM. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes; 2002.
7. Barbier R. Pesquisa-Ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Zahar; 1985.
8. Macedo RS. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação. Brasília: Líber Livro; 2006.
9. Josso MC. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez; 2004.
10. Santos BS. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez; 1997.
11. Young MFD. O currículo do futuro: da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado. Campinas, SP: Papyrus; 2000.
12. Fróes Burnham T. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: Lubisco N, Brandão L, organizadoras. Informação e informática. Salvador: Edufba; 2000. p. 283-307.

Recebido em 30.01.2007 e aprovado em 23.04.2007.